

## APRESENTAÇÃO

---

“O que a vida demanda da gente é coragem”

“What life demands of us is courage”

Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros<sup>1</sup>

Para nosso genial escritor mineiro, Guimarães Rosa, “O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.”<sup>2</sup> Esse aforismo, como nunca antes, foi experienciado pela humanidade nos últimos anos. A pandemia cobrou de todos nós muita coragem para vencer as inquietações e inquietudes...

Eis que, finalmente, no primeiro trimestre de 2022, a pandemia arrefeceu um pouco – vitória da vacina, da ciência – e cá estamos, novamente nas relações interpessoais, em nossos campos de práticas pedagógicas, de pesquisa e extensionistas, curtindo a reaquisição do direito à proximidade, ainda que controlada: nada melhor do que poder ver as pessoas, estar em contato com elas, enxergar a expressividade do olhar (já que as faces ainda se mantêm sob máscaras protetoras).

Ansiado retorno. Fácil, porém, não foi. Ainda sob forte impacto dos momentos tensos e das grandes perdas nos dois anos mais intensos da pandemia, o retorno se revestia de certa névoa. Daria tudo certo? Conseguiríamos manter os protocolos sanitários necessários e suficientes? De toda forma, só “pondo a mão na massa” saberíamos – e ainda estamos experienciando “a delícia e a dor” de tudo o que aconteceu e que nos transformou.

Não somos mais os mesmos, mas algumas coisas são viscerais. Os que optamos pelo magistério – e, em se tratando da esfera universitária, além do ensino, a atuação na pesquisa e na extensão – apreciamos (con)viver, estar juntos aprendendo e ensinando coletivamente.

A Extensão, como todas as áreas do fazer humano, teve de se reinventar neste período pandêmico. Os volumes anteriores (de 2020 e 2021) de **Conecte-se! Revista Interdisciplinar de Extensão** já trouxeram à luz um conjunto significativo de trabalhos cujas equipes fizeram, com

---

<sup>1</sup>Mestre e doutora em Estudos Linguísticos (UFMG). Graduada em Letras (UFMG) e Pedagogia (UEMG). Pós-doutoranda em Estudos do Texto e do Discurso (UFMG). Coordenadora do Curso e Chefe do Departamento de Letras da PUC Minas. Professora do Programa de Pós-graduação e da graduação em Letras. Titular da Coordenação Setorial de Publicações e Produções Acadêmicas da Pró-reitoria de Extensão. Editora gerente da Revista Conecte-se! da Pró-reitoria de Extensão PUC Minas. Coordenadora editorial das revistas Scripta e Cadernos CESPUC de Pesquisa. E-mail: evangelabrbarros.2@gmail.com.

<sup>2</sup> ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, s./p.

grande maestria (mas não sem desafios), a migração das atividades todas – de formação, de diagnóstico, de intervenção, de monitoramento e avaliação – para o ambiente remoto (virtual).

A realidade se mostra dotada de múltiplas dimensões, de uma pluralidade de facetas. Nos dizeres do notório pensador francês Edgar Morin, isso a caracteriza como complexa, ou seja,

*Complexus* significa o que foi tecido junto; de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. Por isso, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade. (MORIN, 2003, p. 38).

É dele, ainda, uma voz que nos lembra que complexidade se prende à (in)completude do conhecimento e à necessidade de religação de saberes, em especial saberes que, com a transposição da vida cotidiana para esferas acadêmicas, acabou se mostrando fragmentário:

Ora, o problema da complexidade não é o de estar completo, mas sim do incompleto do conhecimento. Num sentido, o pensamento complexo tenta ter em linha de conta aquilo de que se desembaraçam, excluindo, os tipos mutiladores de pensamento a que chamo simplificadores e, portanto, ela luta não contra o incompleto, mas sim contra a mutilação. Assim, por exemplo, se tentarmos pensar o fato de que somos seres simultaneamente físicos, biológicos, sociais, culturais, psíquicos e espirituais, é evidente que a complexidade reside no fato de se tentar conceber a articulação, a identidade e a diferença entre todos estes aspectos, enquanto o pensamento simplificador ou separa estes diferentes aspectos ou os unifica através de uma redução mutiladora. Portanto, nesse sentido, é evidente que a ambição da complexidade é relatar articulações que são destruídas pelos cortes entre disciplinas, entre categorias cognitivas e entre tipos de conhecimento. De fato, a aspiração à complexidade tende para o conhecimento multidimensional. Não se trata de dar todas as informações sobre um fenômeno estudado, mas de respeitar as suas diversas dimensões; (...). Dito isto, o pensamento complexo, não deixando de aspirar à multidimensionalidade, comporta no seu cerne um princípio de incompleto e de incerteza. (MORIN, 1998, p.138)

Tivemos de aprender a lidar com grandes incertezas, com a vulnerabilidade – nossa e dos que amamos –, com a impermanência do que nos cerca. E o curioso é que isso nos fortaleceu, trouxe enriquecimento e aprendizagens.

No âmbito da extensão universitária, de que aqui tratamos, constataram-se vários aspectos positivos neste processo de isolamento social e de virtualização das relações. O que antes parecia impeditivo se mostrou não apenas viável, mas também fator de aprimoramento para os envolvidos. Muitos projetos e programas, já consolidados, viram seu público ampliar-se, estender-se até a outros países; muitas pessoas antes impedidas de participar de cursos, eventos, tiveram, na modalidade virtual, possibilidades concretas de se integrar / se inteirar, fazer parte.

Reinvenção, resiliência, empoderamento, superação – essas são algumas das palavras-chave para entender a força e o valor da Extensão como eixo integrante da tríade universitária, como

propulsora da formação humanística – para além da técnica – dos graduandos em diferentes setores e áreas da vida social. Para Paulo Freire, “Quem ensina aprende ao ensinar. E quem aprende ensina ao aprender.”<sup>3</sup> Na Extensão, isso se verifica numa importante simbiose teórico-prática: docentes e discentes partem do saber acadêmico, mas são sensíveis às ressonâncias destes nos saberes populares ou “tradicionais”. Já os detentores destes últimos veem-se impelidos a compartilhar saberes e a incorporar novas práticas. A máxima freiriana se materializa nessa via de mão dupla que é a realização das modalidades extensionistas – cursos, eventos, projetos, programas, prestação de serviços, entre outros. Cada modalidade com suas especificidades, todas elas com relevância social e acadêmica inegável.

Neste volume, trazemos seis artigos e dez relatos de experiência com que os autores-extensionistas não apenas dizem, mas também mostram a que vieram: de norte a sul do Brasil, o tempo pandêmico não se constituiu em tempo de espera – no sentido passivo – mas de esperar e de agir.

No primeiro artigo, nomeado “Idosos institucionalizados e isolamento social: corpos e afetos como (r)existência à necropolítica”, as graduandas Cássia E. Misson, Maria Eduarda C. Oliveira e Tatiane S. M. da Silva, juntamente com o professor do Curso de Psicologia, Bruno V. de Almeida, destacam como o contexto atual das Instituições de Longa Permanência para Idosos, constituídas numa perspectiva neoliberal, capitalista e necropolítica, afetam os corpos idosos ali residentes e resistentes. Evidenciam como o trabalho extensionista de uma Psicologia pautada nos afetos, ainda que no modelo *on-line*, se faz relevante. A partir do projeto de extensão Arte de Cuidar: Apoio psicológico a idosos residentes e trabalhadores de ILPI mineiras, respaldado por revisão de literatura, apostam na valorização de uma Psicologia voltada para a imanência e a crença da potencialidade desses corpos idosos.

No segundo artigo, “A Terapia Cognitivo-Comportamental em pessoas com transtorno de estresse pós-traumático vítimas de abuso sexual na infância – uma revisão da literatura”, a professora do curso de Psicologia da UNICNEC, Fernanda Marques Paz, e a psicóloga clínica Natieli Araújo tecem um panorama sobre a TCC e como esta auxilia no tratamento de estresse pós-traumático (TEPT) em vítimas de violência sexual. Realizaram uma revisão da literatura nas seguintes bases de dados – BVS Biblioteca Virtual em Saúde, SCIELO, (*Scientific Eletronic Library Online*); PEPSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia), MEDLINE (Sistema Online de Busca e Análise de Literatura Médica), incluindo pesquisas de 2003 a 2020, sobre população feminina e masculina, vítima de

---

<sup>3</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

violência sexual e transtorno de estresse pós-traumático, também estudos referentes a crianças e adolescentes. Em todos os casos, a TEPT se mostrou bastante válida.

No artigo seguinte, “Avaliação dos impactos políticos e socioeconômicos do projeto de extensão Rede Sabores e Saúde: a construção do instrumento de avaliação”, os autores – a geógrafa Rebeca B. F. Vieira e o professor Eduardo Moreira (IFFRJ) –, partindo da premissa de que avaliar os impactos da extensão universitária é fundamental para identificar seus resultados na comunidade interna e externa e se projetar avanços, explicitam as dificuldades da construção de instrumentos eficazes de coleta de dados. Com o objetivo de delinear a pesquisa de avaliação do Projeto de Extensão Rede Sabores e Saúde, voltado para a agricultura familiar e produção de base agroecológica no município de Bom Jesus do Itabapoana / RJ, aprimoraram o questionário em duas etapas, observando os limites e alcances para mensuração qualitativa dos impactos sociais do Projeto.

No quarto artigo, “Empregabilidade e carreira na formação técnica: uma análise do perfil de egressos do IFPE”, as autoras – a bacharelanda Marry Nicole R. do Nascimento e a professora do Curso de Administração, Jouberte M. L. Santos, realizam detida pesquisa sobre o perfil de egressos dos cursos técnicos do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE). Considerando a relevância pessoal (garantir a satisfação material das necessidades básicas de um indivíduo) e social (motor propulsor de um país, gerador de riquezas), buscaram mensurar de que forma o curso tem oferecido ferramentas para auxiliar os egressos nos processos relacionados a seleção e empregabilidade. Para cumprir o objetivo do trabalho, foi utilizada metodologia quantitativa exploratória-descritiva através de uma pesquisa de campo com os egressos.

No quinto artigo, “Núcleos Comunitários de Proteção e Defesa Civil como estratégia para gestão de riscos de desastres”, a engenheira civil Fernanda Schlabendorf Ramos e a professora Danielle Paula Martins discutem sobre os riscos e desastres ambientais, como consequências – materiais, ambientais e socioeconômicas – de impactos sobre um determinado ecossistema vulnerável, motivado por um evento adverso. Discutem a vulnerabilidade da população usualmente sujeita a tais desastres e propõem estratégias de gestão de riscos para reduzir e minimizar impactos. Como contribuição, almejam elaborar um guia com orientações para estruturação de um NUPDEC (Núcleo Comunitário de Proteção e Defesa Civil) para a gestão de riscos de desastres, de modo não estrutural, a fim de que a população que reside nas comunidades vulneráveis, possam saber como se proteger.

No sexto artigo, “A experiência da oficina *on-line* de plantas medicinais para alunos da terceira idade na Universidade da Melhor Idade – UMI/UFF”, Ana Paula Martinazzo e Nadja V. Vasconcellos de Ávila discutem a relevância de projetos de extensão universitária para a terceira idade. A Universidade da Melhor Idade, de que participam na Universidade Federal Fluminense,

oferece oficinas a esse público. No artigo em tela, as autoras mostram resultados da Oficina de Plantas Medicinais, ministrada a alunos de idade entre 60 a 69 anos, para melhor conhecimento dos hábitos de uso das espécies medicinais. Por meio das atividades e do questionário de avaliação, mapeiam crenças e representações dos participantes sobre a temática, bem como constatam que, para 76,7%, houve ampliação do conhecimento. Além disso, tratou-se de uma modalidade que promoveu a inclusão digital dos idosos, com o treinamento para uso de mídias sociais - 80% declararam ter gostado das aulas no modo *on-line* em época de reclusão da pandemia

Inaugurando a rica seção de relatos de experiência, no trabalho “MINIONU: Desafios e soluções no processo de virtualização do evento nos anos de 2020 e 2021”, os graduandos de Relações Internacionais – Juliana G. Brito, Larissa D. Aguiar, Paulo H. Monteiro e Pedro Ivo M. de Oliveira – sob coordenação da professora Raquel Gontijo, discutem a migração do Projeto MINIONU (Modelo Intercolegial de Simulação das Nações Unidas), em sua 22ª edição (2021) para plataformas virtuais. Visceralmente interdisciplinar – congregando estudantes dos cursos de R. I., Comunicação Social, Psicologia e Serviço Social da PUC Minas –, voltam-se para a formação cidadã e política de estudantes da educação básica (Ensino Médio e 9º ano do Ensino Fundamental). Constatam que a equipe do MINIONU, durante a pandemia de COVID-19, se reinventou para as edições virtuais, de modo a preservar a contribuição social e acadêmica do Projeto no ambiente virtual, e ampliando sua abrangência, antes estadual, para todo o Brasil.

No relato seguinte, “Jogos digitais e História: diálogos com o passado”, os graduandos em História – Francine Brandhuber O. Dores, Nilo C. de Queiroga Neto, Pedro Luiz T. de Sena – e as professoras Júlia Calvo e Maria Renata Teixeira apresentam atividades desenvolvidas no escopo da atuação no Programa Residência Pedagógica (PRP), em 2021, na Escola Estadual Professor Moraes. Esse Programa vinculado à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) visa a oferecer uma formação docente teórico-prática, através da imersão do futuro professor na ambiência escolar. No projeto “Jogos Digitais e História”, buscam a construção do conhecimento de determinados conteúdos através de um jogo selecionado e analisado pela equipe, mostrando também, o quão amplo pode ser o leque de documentos e métodos históricos. Foram selecionados os *games*: *Assassin's Creed: Rogue*, *Far Cry: Primal*; *Assassin's Creed: Origins*, *Assassin's Creed: Syndicate*, com os quais se trabalharam usos e significados da produção, circulação e utilização de fontes históricas e as relações entre o conhecimento acadêmico e as pesquisas utilizadas na construção dessas produções. Mostram que os jogos digitais são recursos midiáticos capazes de auxiliar o processo de ensino e aprendizagem na contemporaneidade.

No terceiro relato, “Projeto ALEGRIA: as vantagens na divisão de uma turma de alfabetização no sistema remoto”, as graduandas Aliny Vitória M. Cunha (Pedagogia) e Mariana Queiroga Gomes

(Letras), orientadas pelas docentes Arabie Bezri Hermont e Nivânia Melo Reis, expõem como, no sistema remoto, ressignificaram a prática extensionista do “Projeto ALEGRIA: Aprendizagem de Leitura e Escrita Gerando Respeito, Inclusão e Autonomia”, parceria da Proex e do Departamento de Letras. O objetivo é promover a alfabetização e o letramento de adultos que possuem dificuldade de aprendizado derivada de algum comprometimento cerebral / mental. O propósito geral das oficinas consiste em, por meio da aprendizagem da leitura e escrita, facilitar a vida diária desses alunos, para que, assim, tenham suporte e autonomia para enfrentar os desafios cotidianos. Devido à necessidade do isolamento social, causada pela COVID-19, buscando atender as especificidades de cada aluno quanto à fase alfabética em que este se encontrava, foi necessária a separação da turma em dois grupos distintos. Isso deu margem a um espaço mais participativo e à oferta de atividades que contribuam para o desenvolvimento de sua leitura e escrita de maneira focada. As análises das atividades e observações das participações durante os encontros mostraram o progresso dos participantes, seus avanços nas práticas de leitura e escrita.

No quarto relato, “Reunião de pais de crianças com altas habilidades: mudança do presencial ao virtual no HEAD”, as graduandas em Psicologia – Aline M. de A. Diogo, Amanda A. da Silva, Luiza M. M. da Silva, Maria Helena F. Novais – e a professora Karina F. Filgueiras apresentam aspectos da experiência com o grupo de pais de participantes do Projeto de Extensão Enriquecimento da Aprendizagem para Desenvolvimento de Habilidades (HEAD) da PUC Minas, que trabalha com crianças e adolescentes com o perfil de Altas Habilidades / Superdotação. As reuniões com os pais objetivam estimular a troca de vivências e abrir espaço para o acolhimento; devido à mudança da dinâmica das práticas do Projeto, diante da pandemia da COVID-19, houve modificações nas interações com os participantes, sem perder, contudo, o foco na consecução dos objetivos de atendimento às demandas dos alunos AH/SD.

Na sequência, em “Atividades de divulgação científica com ênfase na experimentação em Física desenvolvidas em escolas do litoral norte paulista”, o graduando em Física, Kauã Estevam Cardoso de Freitas e o professor Ricardo Roberto Plaza Teixeira (do IFSP) apresentam uma discussão do impacto de apresentações de divulgação científica envolvendo demonstrações experimentais de Física, que ocorreram entre 2017 e 2019. Essas atividades foram realizadas presencialmente junto a alunos do ensino fundamental e médio visando divulgar diferentes subáreas da Física, procurando enfatizar os métodos científicos e as ferramentas de que ela dispõe para enfrentar determinados problemas e buscar possíveis explicações para os fenômenos que são observados e medidos. No período focado, foram realizadas 25 apresentações de divulgação científica para alunos do litoral norte paulista, sendo que, em 19 casos, foram feitas pelos autores em espaços das próprias escolas e em 6 outros casos elas ocorreram quando os alunos das escolas estavam visitando o *campus* de

Caraguatatuba do Instituto Federal de São Paulo. Este trabalho colaborou para um maior engajamento e interesse dos alunos envolvidos por temáticas de origem científica.

No sexto relato, “Histórias de Vida de Lideranças Comunitárias Quilombolas: uma experiência extensionista de intervenção psicossocial na pandemia”, os graduandos em Psicologia - Luiz Estevão M. Paiva, Luiza T. Feliciano, Vanessa B. Guimarães e Vinícius F. de Andrade – em parceria com a professora Lucimar M. de Albuquerque, socializam a experiência do “Projeto Oficinas Psicossociais: fortalecendo vínculos familiares e comunitários em Brumadinho”, da PUC Minas, que promove intervenção psicossocial em três comunidades atingidas pelo rompimento da barragem da mineradora Vale: Ponte das Almorreimas, Acampamento Pátria Livre do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e Comunidades Quilombolas. A experiência vivida junto às comunidades deu-se por meio remoto, devido à pandemia da COVID-19. Refletindo sobre a construção da metodologia em que se estabeleceram as atividades, destacam os relatos de histórias de vidas. Mesmo diante de atravessamentos sociais e de acesso instável aos meios de comunicação, foi possível realizar um trabalho de intervenção psicossocial potencializador da memória cultural, criador de vínculos, espaço de convivência e afetos entre a universidade e a comunidade.

No sétimo relato, “Implementação do Grupo de Estudos e Pesquisas em Neuropsicologia como projeto de extensão em uma universidade do interior do Estado de São Paulo”, os coautores – discentes Mirelle C. Pinheiro, Silvio do Prado Leonardi, Natalício A. da Silva Junior e os professores Lisandra B. V. Lima e Ricardo F. de Lima discutem a importância da Neuropsicologia, que visa a estabelecer relações entre o comportamento e o funcionamento cerebral. Os graduandos em Psicologia da Universidade São Francisco (USF) têm contato com essa disciplina, contudo, alguns aspectos técnicos e práticos são abordados de maneira superficial. Os autores relatam o processo de implementação do projeto de extensão “Grupo de Estudos e Pesquisas em Neuropsicologia” que, na modalidade virtual, foi iniciado em outubro de 2020, e teve suas atividades organizadas em três eixos: (1) Teórico (leitura e discussão de temas relacionados à Neuropsicologia); (2) Prático (administração de teste, estudo de caso clínico, exercício de planejamento de uma avaliação e início da avaliação neuropsicológica de uma criança no Serviço Escola de Psicologia); (3) Pesquisa (elaboração de propostas de estudos). Além da formação técnica, esse projeto tem aproximado os estudantes das demandas da prática profissional e do atendimento às necessidades da comunidade.

Em seguida, “A experiência de trabalho da equipe de Psicologia com os recuperandos da APAC Santa Luzia em tempos de distanciamento social”, os graduandos em Psicologia – André V. Magalhães, Laura O. M. Pereira e Gabriela J. Villefort –, acompanhados pelos professores Hélio C. de Miranda Júnior e Maria Carmen S. Moreira, discutem a participação deste curso no Projeto (A)penas Humanos na APAC de Santa Luzia. Relatam as atividades realizadas em 2019, já instituídas

na história da participação do Curso na APAC, e as mudanças introduzidas em 2020, em função da pandemia e da migração para o ambiente virtual. Descrevem a produção de material utilizado, visando a manter diálogo com os beneficiários por meio de vídeos preparados pela equipe, na interface entre Psicologia e arte, e enviados a eles, cobrando-lhes um tipo de retorno (por via de cartas). Trata-se de material rico, que permitiu a continuação do diálogo por meio da produção de novos vídeos. Essa metodologia não substitui efetivamente as atividades anteriores à pandemia, que permanecem necessárias, mas pode ser alternativa importante na continuidade da ação específica da Psicologia, de possibilitar espaço de reflexão pessoal e escuta.

No nono relato, “Lesão por pressão: um olhar individualizado ao paciente”, as graduandas Quésia V. B. Silva, Sarah S. Pereira, Iara de O. Sousa, Silvia A. de Andrade e a docente Ana A. Savioli expõem aprendizagens do estágio curricular não obrigatório, realizado no Ambulatório de Feridas da PUC Minas. Utilizando documentos para o registro e coleta de dados, observação sistematizada (monitoração da evolução de cada ferida), consulta à ficha do paciente feita no Centro de Saúde e videoconferências com as enfermeiras da comunidade responsáveis pelo paciente, apresentam o caso de um adulto, 47 anos, paraplégico que desenvolveu lesão por pressão em diversas regiões do corpo. Relatam as intervenções que puderam ser feitas em campos multidisciplinares. Discutem as demandas multifatoriais, as limitações da condição física, a necessidade de intervenção de outras áreas para proporcionar maior conforto e qualidade de vida, os tipos de tratamento que favorecem a recuperação mais rápida, os desafios ao lidar com a limitação do movimento associados ao surgimento da lesão, além da visão do próprio paciente ao criar a esperança de melhorar seu condicionamento. A experiência, desafiante, foi enriquecedora no desenvolvimento de competências novas para o aprimoramento profissional e ampliação de conhecimentos.

Encerrando a seção, no décimo relato, “Reciclagem solidária e inclusiva: desafios durante a pandemia do COVID-19”, os mestrandos – Laísa S. Magalhães, Dijana Helena D. C. Vieira, Jaqueline S. Melo e Aline R. da Fonseca – acompanhados pelo professor do PPG de Administração, Armindo dos Santos de Sousa Teodósio, discutem o Projeto de Extensão “Reciclagem Solidária e Inclusiva”, da PUC Minas, que vem sendo desenvolvido desde 2020, no Regime Letivo Remoto (RLR). Este realiza ações para dar suporte à emancipação dos cooperados, nos aspectos de gestão (auxiliar o desenvolvimento da associação) e de desenvolvimento humano, buscando melhorias na qualidade de vida desses trabalhadores, e ampliação de seus direitos como cidadãos e como agentes ambientais urbanos essenciais para a sustentabilidade. As ações realizadas pela equipe extensionista basearam-se nos princípios da chamada “Extensão Invertida” e da “Ecologia de Saberes”.

Três eixos de ação foram desenvolvidos: Gestão, Comunicação e Saúde, buscando levantar as demandas das cooperativas de catadores de materiais recicláveis envolvidas com o Projeto.



Visualizou-se uma demanda de fortalecimento da autoestima dos cooperados e da compreensão de que são protagonistas do próprio empreendimento econômico e solidário, além da necessidade de uma maior mobilização da sociedade civil para o fortalecimento da coleta seletiva. Implicando novas aprendizagens e novas abordagens, o trabalho em sistema remoto também se mostrou positivo, a despeito da exclusão digital a que se submetem muitos desses sujeitos.

Concluída a seção de relatos, temos a entrevista com a professora Elaine C. de L. Oliveira, em que esta aborda os desafios das novas diretrizes referentes ao Ensino Médio, em que se vislumbra maior interlocução entre escolas da educação básica e Instituições de Ensino Superior (IES), com foco na formação docente para uma nova lógica de atuação.

Trata-se de um volume rico, de leituras a serem apreciadas, conforme um leque de interesses. Convido a você, leitor(a) a esse passeio por uma teia de complexidades e desafios, mas igualmente de leituras prazerosas, de momentos de crescimento e de vislumbre do quanto a Extensão traz, em seu bojo, o bom, belo, nobre e verdadeiramente melhor que há em nós, como profissionais e seres humanos. Boa leitura!

## REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- MORIN, Edgar. Notas para um “Emílio” Contemporâneo. In: PENA-VEJA, A.; ALMEIDA, C. R. S.; PETRAGLIA, I. (Org.). **Edgar Morin: Ética, Cultura e Educação**. Ed. Cortez, São Paulo: 2003.
- ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão**: Veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986